

A falta e o Mar Absoluto em Cecília Meireles

Mariana Carlos Maria Neto¹

Resumo

O tema dessa apresentação nasceu do contorno que foi aos poucos se impondo à nossa pesquisa de mestrado. Durante a leitura e releitura da obra completa e da bibliografia crítica sobre Cecília Meireles, notamos uma unidade recorrente, a qual chamamos de *falta*, que funcionava como polo propulsor da poesia da autora. Pretendemos, nessa apresentação, explicar sinteticamente tal unidade e destacar alguns de seus possíveis significados na poética da autora, mais especificamente em *Mar absoluto e outros poemas* (1945); obra a qual nos detivemos. Foram lidos em nossa dissertação os poemas: “Irrealidade”, “Mar absoluto” e “Elegia”, em cada um deles observamos, ao mesmo tempo, uma falta fundante e um desejo de encontro. A síntese entre esses dois eixos produz um absoluto que conjuga distância e proximidade, ausência e afeto. Neste trabalho, optamos por comentar o “4º motivo da rosa”, poema que acreditamos ajuda a vislumbrar o sentimento da obra como um todo. Embora tenhamos comparado algumas diferentes edições, assumimos a da *Obra poética* de 1958, por ser essa a única e última edição da poesia completa publicada em vida da autora.

Palavras chave

Cecília Meireles; poesia; falta; absoluto; *Mar absoluto e outros poemas*

1 Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. E-mail: mariana.neto@usp.br

Antonio Candido e José Aderaldo Castelo souberam perceber que a lírica de Cecília Meireles tinha uma feição “uniforme e linear”². É verdade também que os críticos não viam tal uniformidade como atributo de prestígio, mas entendiam-no como repetição ou estilo esgotado. Contudo, como acreditamos, essa linearidade não será *defeito* estético na poesia ceciliana, que aposta em “representar não as rupturas, mas as permanências”³. Talvez a sensibilidade moderna julgue monótono o repetir-se em torno da morte sempre certa ou da eterna navegação que constitui a vida humana, entretanto, ao imaginário ceciliano, esse repetir-se reafirma um lirismo que resiste à fragmentação e crê na “consistência própria e resistente do espírito”⁴.

É por isso que esses poetas da abstração lírica parecem sempre tão iguais a si mesmos, e é tão insignificante querer analisá-los e compreendê-los tematicamente. Os temas, como tal, são muito poucos, tão poucos como a bagagem metafórica. E tanto os temas como as metáforas devem ser compreendidas, não pelo que parecem ser, mas como pretextos que o poeta usa, um Instrumental convencional (uma cifra pessoal) para fixar o que não é dizível [...].⁵

A poesia de Cecília se fecha nesse grande destino de si mesma e por isso “os textos se entrelaçam, os livros parecem sair uns dos outros, trechos de poemas reaparecem com sutis variações, os temas voltam na prosa, nos ensaios e entrevistas [...]”⁶. Tanto retorno é certamente admirável para uma poeta que escreveu muito (ao todo são vinte e sete obras, só de poesia) e que se representou como eterna viajante. Tal curiosa permanência manteve essa poesia sempre alinhada a um mesmo sentido, ou a um grande pretexto (como quis Jorge de Sena), cuja síntese é feita por Darcy Damasceno:

A consideração das coisas resulta na consciência de que a vida é um fluxo constante e o tempo a tudo corrói; a constatação da transitoriedade emerge como o verme antecipador do podre que um dia há de ser apetecível fruto da vida. Daí que às descargas dos sentidos se sobreponha

2 Antonio Candido e José Aderaldo Castelo. *Presença da literatura brasileira: história e crítica*. Editora Bertrand Brasil, 1997. 10ed. p. 136

3 Alcides Villaça. “Sobre Cecília em Portugal”. In GOUVÊA, Leila. *Cecília em Portugal*. São Paulo: Iluminuras, 2001p. 13

4 *Idem*. *Ibidem*. p. 13

5 Jorge de Sena. Cecília Meireles ou os puros espíritos”. *Suplemento Literário, Diário de São Paulo* em 20/02/1965. p.4.

6 Miriam Silvia Schuartz. *O avesso do poema: Cecília Meireles e a metamorfose*. Editora Scortecci, 2010. p. 25.

a indagação, a análise, a atitude inteligente.⁷

Os olhos de Cecília, como explica o crítico, voltam-se para o mundo já antevendo nele a negatividade que o constitui. Em razão disso, veremos que todos os motivos fundamentais dessa lírica expressam-se como formas de uma ausência ou de uma falta, colocada na relação consigo mesma ou com o mundo. A morte, a viagem, a navegação, a memória, os retratos, o pasmo diante da passagem do tempo, a solidão, a família, os mortos e o irreal, figuram essa falta. O sujeito lírico ao se deparar com essa negatividade reage a ela pela via da indagação, da análise e da atitude inteligente, de tal maneira que apesar da consciência da falta ser profunda, é também impulso para o cantar.

Acreditamos que haja nas três primeiras obras da poesia madura de Cecília Meireles um inchaço desse sentimento da falta, que vai ganhando corpo e assume a forma de um *mar absoluto*. Numa leitura sequencial, podemos notar um alívio progressivo da dor e da melancolia entre as duas primeiras obras da fase madura de Cecília Meireles. Esse movimento assumirá, na obra seguinte, um sentido balsâmico, uma vez que a falta que motiva a canção não se oferecerá como uma negatividade absoluta (como se poderia pensar), mas sim, como um caminho de desafoço para o espírito. Apesar de nunca ter abandonado a vocação melancólica de sua poesia, cujos exemplos são vastíssimos em todas as suas obras; em *Mar absoluto e outros poemas*, Cecília procura por essa unidade acolhedora, que curiosamente virá através da falta.

Nesse movimento dialético, veremos que a negatividade e o desejo pelo absoluto funcionam como pares para a construção de uma espécie de falta “positiva”. Talvez o melhor exemplo disso seja o “4º Motivo da Rosa”, que não só ilustra a questão como também ilumina o sentimento que compõe a obra.

Não te aflijas com a pétala que voa:
também é ser, deixar de ser assim.

Rosas verás, só de cinza franzida,
mortas intactas pelo teu jardim.

⁷ Darcy Damasceno. “Poesia do sensível e do imaginário”. In Cecília Meireles. *Obra poética*. “Editora José Aguilar, Rio de Janeiro, 1958. p. XXXV.

Eu deixo aroma até nos meus espinhos,
ao longe, o vento vai falando em mim.

E por perder-me é que me vão lembrando,
por desfolhar-me é que não tenho fim.⁸

No 4º motivo⁹, é a rosa quem fala à poeta, do primeiro ao último verso. O conso-lo inicial (“Não te aflijas com a pétala que voa”) está, portanto, direcionado para Cecília, que é sempre tão atenta e tão pouco conformada com o fluir finito da vida. Mesmo que o rosto da poeta não seja descrito, somos capazes de ver, pela fala da rosa, seu espanto e lamento. Nos três primeiros motivos, vimos a rosa ser exaltada por sua beleza e a poesia por sua capacidade de eternizá-la, contudo, os *motivos* têm a particularidade de retratarem também a passagem do tempo. Cada um dos cinco está distribuído de forma regular na primeira parte de *Mar absoluto e outros poemas*, retornando, durante a leitura, sempre como uma espécie de eco. Um novo retorno, um novo olhar da poeta para a rosa. Em sua quarta aparição, a rosa já não está vigorosa como antes e nota no olhar de quem a vê a angústia do fim. No entanto, a afirmação da falta (“perder-me”, “desfolhar-me”), torna-se uma fórmula de superação da mesma. O que fica expresso pelos versos: “também é ser, deixar de ser assim” e “por desflorar-me é que não tenho fim”. A lição da rosa manifesta-se também como um desejo de totalidade e eternidade, ambos garantidas pela aceitação dessa condição negativa.

A síntese dessa experiência totalizante, que não se resume à rosa mas dá tom a todo o livro, será uma forma de absoluto. Como a constatação desse absoluto possível, pois nascido da precariedade de nossa mortalidade, surge através do olhar do/para o outro, em *Mar absoluto e outros poemas*, Cecília buscará diversos outros: os seus antepassados (em “Mar absoluto” e “Elegia”), os soldados longínquos que engrossam o coro dos mortos da Segunda Guerra (“Lamento da noiva do soldado”, “Guerra”), a formiga ou o peixe que ocupam os lugares de dentro da casa, Marília de Dirceu (“Este é o lenço”),

8 Cecília Meireles. “4º Motivo da Rosa”. Idem. (*Mar absoluto e outros poemas*). p. 384.

9 Eliane Zagury propõe que a primeira parte de *Mar absoluto e outros poemas* é dividida em razoável simetria pelos 5 motivos da rosa. *Cecília Meireles: notícia biográfica, estudo crítico, antologia, discografia, partituras*. Petrópolis, Vozes, 1973. p. 38.

a mãe que perdera seu filho (“Lamento da mãe órfã”), entre tantos outros. Algo na relação do eu-lírico com a falta, depois deste encontro totalizante em *Mar absoluto e outros poemas*, parece ter ganhado novas nuances expressivas através de uma abertura para o exterior, que é recebido com enorme empatia. Por isso, formula Darcy Damasceno: “Nessa posição final da inteligência frente ao mundo, educa-se o artista na renúncia, no desprendimento e no amor”¹⁰.

Nós, os de hoje, podemos tentar uma eternidade assim: sem o egoísmo de nossa fixação. Que sabemos nós, de tudo quanto possamos ter aprendido, senão que a vida é uma perpétua instabilidade e que sua forma de definição suprema é a constância de um movimento de sempre renascentes ritmos? Do reconhecimento da marcha das aparências sobre a irrevelação invariável ficou, para os espíritos que a observaram, uma larga sede de rumos e fins. Mas a vida, bem se vê, é uma continuidade e não apenas uma direção. Ela está em si mesma, com as suas formações precárias, florindo como os sonhos sobre uma noite imperturbável. Mas é a mesma natureza dessa noite e desse sonho. Entre uma e os outros opera, unicamente, a magia transfiguradora do movimento. Nestes sucessivos cenários efêmeros que resultam de nossa própria efemeridade é preciso que não nos arroguemos nenhuma atitude irremovível, porque seria recusarmos a seguir a correnteza natural em que, sem explicações, aparecemos. Nosso desacordo com a natural sequência nos insularia num espontâneo exílio em que não participaríamos nem da aparência transitória nem da inviolável eternidade, porque é preciso sentirmos a deslocação dolorosa de uma para possuirmos em nós o gosto profundo e absoluto da outra.¹¹

O trecho acima é de 1929, ilustrando as incessantes preocupações de Cecília Meireles com a condição mortal do homem. Apesar da atenção antiga da autora para esse tema, acreditamos que ele seja elaborado de uma forma sistemática, quase como um projeto poético, somente em *Mar absoluto e outros poemas*. É certo também que essa especificidade da obra não garante à poeta e à sua poesia, um lugar consolidado em que a falta seja sempre encarada como uma projeção para o absoluto, e, portanto, alívio para o espírito. *Solombra*, última obra publicada pela autora, é de um profundo sentimento de vazio, ao qual a poeta se oferece: “Eu sou essa pessoa a quem o vento chama,/

10 Darcy Damasceno. “Poesia do sensível e do imaginário”. In Idem. p. XLII.

11 Cecília Meireles, *O espírito victorioso*. Rio de Janeiro, Editora Anuário, 1929. Apud Yolanda Lôbo, *Cecília Meireles*. Pernambuco, Editora Massangana, 2010, p. 78-79.

a que não se recusa a esse final convite,/ em máquinas de adeus, sem tentação de volta.”

Da indagação inteligente diante da falta, podemos ver nascer um poderoso mar absoluto capaz de engolir a falta que o motiva ou um rio de assombro, que liquefaz tudo por onde passa. De toda a forma, as respostas são variadas e não seguem um percurso único, em razão disso, a inteligência continua encontrando suas possibilidades na história, na imaginação e na poesia.

Referências bibliográficas

MEIRELES, Cecília. *Obra Completa*. Rio de Janeiro, José Aguilar, 1958.

CANDIDO, Antonio; CASTELO, José Aderaldo e. “Cecília Meireles”. In *Presença da literatura brasileira: história e crítica*. Editora Bertrand Brasil, 1997. 10ed.

DAMASCENO, Darcy. “Poesia do sensível e do imaginário”. In MEIRELES, Cecília. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958.

LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles*. Pernambuco, Editora Massangana, 2010.

SCHUARTZ, Miriam Silvia. *O avesso do poema: Cecília Meireles e a metamorfose*. São Paulo, Grupo Editorial Scortecci, 2012.

SENA, Jorge de. “Cecília Meireles ou os puros espíritos”. *Suplemento Literário, Diário de São Paulo* em 20/02/1965. p.4.

VILLAÇA, Alcides. “Sobre Cecília em Portugal”. In GOUVÊA, Leila. *Cecília em Portugal*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

ZAGURY, Eliane. *Cecília Meireles*. Petrópolis: Vozes, 1973.